



A AURORA



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua do Laranjal, 60-3.º—PORTO

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Pereira

SUCURSAL EM LISBOA
Rua do Arco da Graça, 4-2.º

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—Mactiel Barbosa

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)
Um mez \$05 (50 reis); Semestre \$30 (300 reis); Um ano \$60 (600 reis)
Para fora do país acresce o importe do selo.
Numero avulso \$01 (10 reis)
Comp. e Imp. na **Tipografia Peninsular**
Rua dos Mercadores, 171—PORTO—Teléfono, 747

Aos trabalhadores

A FALENCIA

VIVA A GUERRA!

Companheiros: no actual momento, surge, sobre a velha Europa, o fantasma trágico e aterrador duma luta terrível, que determinará o predomínio dum povo sobre os outros do continente, mas que, na realidade, será o aniquilamento de todos eles porque, com a guerra e o seu cortejo de dissolução e morte, consumiram as mais preciosas energias das nações...

Todos os tiranos da Europa que tanto desejam como temem esta hecatombe social, se querem escudar, como razão do seu anelo de rapina, no predomínio tirânico do élmo prussiano. E' verdade que a confederação germanica, com o Kaiser elevado á categoria de primeiro despota, quer impôr-se ao resto da Europa pela força brutal dos seus milhões de soldados.

Mas não é essa a verdadeira causa do conflito que ameaça nestes momentos a Europa e que tende a banhá-la numa onda de sangue que brotará do peito do povo obreiro, do povo escravo, regando com ela o campo de batalha e cimentando assim o poder onipotente e onimodo dos tiranos vencedores. O pugilato travado pela burguesia europeia traficante para ficar possuidora, á do norte, de todos os mercados e ser assim a rainha e senhora na ordem commercial e mercantil, e á dos povos do sul, pelas mesmas razões e motivos, é a verdadeira causa desse duelo cruel e tremendo que se inicia nestes momentos desde as afastadas regiões do Caucaso até ao canto da Europa em que se acha encravada Lisboa.

Nem razões étnicas ou geograficas são a causa da actual conflagração europeia. Nem ainda o sentimento religioso que embora absurdo poderia sinceramente sentida atenuar a responsabilidade do imenso crime. Não! não são ingenuas estas razões. E' simplesmente o desejo egoista e brutal de ficar pela força das armas em absoluto domínio politico, e deste modo estão em condições de impôr o seu império mercantil, é o desejo de acumular montões de ouro ainda que esse ouro destile sangue humano. Não ha fundamental e primaria da catastrophe uma aspiração humana e social.

São os agiotas das bolsas e os acionistas dos grandes trusts os que alimentam a guerra europeia, que neste momento estala.

A prepotência politica e gananciosa são o móbil terrível do assassínio colectivo que prepara a burguesia do continente europeu.

Ora bem, essas cifras aterroradoras das forças navais e terrestres que já assinalam as nações da Europa como as primeiras vítimas que sucumbiram ao primeiro choque, são massas de carne escrava, de filhos do povo, que largaram a enobrecedora ferramenta do trabalho, para empunhar a espingarda fratricida; e atraz deste primeiro sacrificio, vem outro e outro, tantos quantos façam falta, até que os povos fiquem exaustos ou sejam aniquilados pelos adversários, porque, uma vez empenhada a luta todos querem sair vencedores e nenhum vencido; e estes sacrificios só sairão do povo obreiro, do povo escravo que sofre todas as tiranias e vilipendios. Esse povo escravo e oprimido, vencedores e vencidos, só

poderão escrever em epitáfio sangrentos a historia negra das suas dôres e misérias; e a burguesia vencida ou vencedora, seguirá triunfante levantando palácios á tirania sobre o promontorio de milhões de cadáveres amalgamados nos campos da batalha; e o sangue proletário vertido em caudais irá ás suas arcaas transformado em moeda metálica ou papel bancario. Tal será o resultado dessa guerra brutal que ameaça a Europa.

Só a acção consciente e solidária dos trabalhadores do mundo, desse exercito anónimo que deixa diariamente fragmentos de músculos, de nervos, e de cérebro na grandiosa obra de trabalho e progresso são o palpitar supremo e universal de milhões de oprimidos pela tirania da sociedade burguesa; fortemente unidos pela dôr e desgraça comum serão quem poderá pôr um dique irredutível á tirania e evitar os horrores da guerra.

Trabalhadores do mundo, escravos da ordem social que tem por organização o crime e a injustiça, unidos através das fronteiras em um beijo de amor, fraternal e humano.

Proletários da velha Europa e de todo o mundo, ante a ameaça selvagem duma guerra provocada pela incapacidade duma burguesia decadente que, nos estertôres da sua agonia só quer amontoar riquezas e verter sangue, protestai e provocai a revolução social, como meio salvador de assegurar a paz e a liberdade humana.

Seja a solidariedade do proletariado mundial, o grito sublime que responda aos uivos que, neste momento, lança a hienna burguesa.

Trabalhadores, abaixo a guerra.

Viva a paz universal.

Setubal

O GRUPO COSMOPOLITA

Coisas historicas

3-1860 — Nasce, em Messina, Italia, Pedro Gori, distinto orador e escritor anarquista.

4-1896 No castelo de Montjuich (Espanha), os esbirros principiam a aplicar os tormentos aos presos anarquistas.

5-1899 —Durante as manobras da marinha de guerra ingleza, efectuam-se as primeiras experiencias de telegrafo sem fios.

6-1881 —Em Boston (E. U. da America), publica-se o primeiro numero de *A Liberdade*, semanário anarquista redigido por Tucker.

7-1893 —Realiza-se, em Zurich (Suissa), um congresso socialista internacional que, por «unanimidade» excomunga os anarquistas...

8-1709 —Bartolomeu Lourenço de Gusmão, faz, em Lisboa, numa maquina chamada *Passarola*, a primeira ascensão aerostatica de que ha memoria. A inquisição, por causa dos seus estudos, acusa-o de feitiçeiro e persegue-o ferozmente, pelo que teve de se refugiar em Espanha, vindo a morrer em Tolêdo, a 17 de novembro de 1724 num hospital e no meio da mais crueza miséria...

9-1808 —Fulton, inventor dos navios a vapor, faz as primeiras experiencias no rio Sêna.

A natureza pôs em comum todas as coisas para o uso de todos; a usurpação criou a propriedade privada.

S.to AMBROSIO

A horrível sociedade capitalista parece entrar em liquidação, falir miseravelmente.

Senhora de prodigiosa riqueza material, de poderosos meios de produzir abundantemente para todos, é contudo impotente para satisfazer as necessidades dos homens, graças ao seu modo de produção, praças ao monopólio dos bens e forças produtivas.

Vive da rapina, da exploração do trabalho, da carestia, da especulação mercantil, do artifício e do parasitismo nas trocas, da conquista e disputa de mercados, do roubo e da violência.

Dos mil antagonismos de interesses criados entre as classes, as sub-classes, as nações e os indivíduos nasceram mil rivalidades e ódios, fomentados pelas mentiras bem armadas e equipadas dos potentados, donos de todos os venenos e de todos os meios de os inocular e difundir.

E de repente, a sociedade cai numa tremenda convulsão de extermínio e de sangue.

A colossal crise de loucura e de destruição leva o sofrimento e o mal-estar a todas as partes—mesmo áquelas que estão longe do teatro da chacota.

Em todo o mundo os especuladores da «ordem capitalista» todos muito patriotas, aproveitam com satisfação o ensejo admirável de carestia e de fome: na nossa bela sociedade é assim que se vive. As fábricas cerram-se, cresce a desocupação, intensifica-se a miséria. O povo rugirá de fome.

Rugirá também de revolta?

Não tendo sabido oppor-se á catástrofe, tendo-se mais uma vez deixado conduzir ao matadouro, embriagado de alcool patriótico, saberá ao menos tirar proveito da terrível lição de coisas?

Ou deixará sossobrar a civilização, morrer o germe dum mundo novo, recuar de novo a esperança da libertação?

A pavorosa hecatombe que começa pode ser também a falência duma sociedade falsa, em que meia dúzia de sócios vivem do suor dos miseráveis.

O ponto está em que queiram enfim os explorados.

A falência, verdadeiramente já está declarada: que os administradores da massa falida se preparem!

E' preciso dar á sociedade novas bases: é preciso que todos sejam sócios.

Simbólico!

De Lisboa, acaba de partir para a guerra um alemão, quase a atingir o limite da idade de serviço militar, chamado pelo seu governo como reservista.

Este alemão casou com uma francesa, e do casal nasceu um filho, que veio ao mundo em França e optou pela nacionalidade francesa, ao chegar á maioridade.

O rapaz, que residia também em Lisboa com o pai, partiu no mesmo dia para França afim de servir a sua «patria» contra a «patria» do pai!

Acrescente-se que ambos residiam há bastantes anos em Portugal, onde tinha os seus interesses.

talvez em breve venham a encontrar-se frente a frente no campo de batalha, fuzilando-se mutuamente para defesa de interesses alheios.

Não diz bem a estupidez da guerra, que nada resolve e que faz sofrer os pobres, vencidos e vencedores?

Viva a guerra! é o grito que se ouve de todos os lados da Europa, como se tivessemos recuado 6 ou 8 seculos. A expansão do odio que se nota, as atitudes belissimas das potencias aguerridas, o com fúnebre e metálico dos clarins, o troar da artilheria, as marchas forçadas dos exercitos em armas, a quebra da dignidade humana, o estrangulamento dos povos nas suas terras, nas suas casas; o desrespeito mútuo, as invocações dos reis a deus e ao diabo, a quem imploram protecção, todo esse espectáculo sangrentamente trágico, que transforma esta parte do globo num incalculavel oceano de sangue e num extensissimo cemitério, diz-me, eloquentemente, que não estou no seculo XX, seculo das luzes, como uma aluvião de sabiosinhos o afirmam nos seus livros, nos seus artigos, nos seus folhetins. E' falso. A época em que estou é muito diferente; vivo na antiguidade, no período agudo em que todo o mundo era guerreiro e tinha imenso prazer em preparar expedições para conquistas, para dar largas á sua ferocidade tigrina, para se crearem fidalgos para a pillagem, gente sem ideal nem sentimentos, a não ser o sentimento de se divertirem, de passarem o seu tempo na orgia sangüinária!

Respondo, mas estou no seculo XX, porque se estivesse, esses canticos de guerra que ferem o espaço, esse vivorio ameaçador do povo tinham uma outra significação. Davam-se vivas á guerra, mas á guerra que tinha por fim terminar com a guerra dos exercitos, movida pelo capricho dos governantes e pela ambição dos detentores de toda a riqueza social.

Se o povo em Berlim, como no resto do império, ao saber dos preparativos aggressivos dos seus governantes para alterar a paz dos povos, se erguesse, de repente, como impellido por uma força galvânica, contra essas intenções aggressivas, em vez de aplaudi-las com entusiasmo, as coiza certamente tomariam outro aspecto. E' claro que não queria que só o povo alemão se manifestasse. O meu desejo era que o povo produtor de todas as outras nações fizessem o mesmo. Que coisa excelente esta á de o trabalhador europeu, confraternizando-se, responder altivamente aos governos: «Para traz. Quereis a guerra? Sim, nós também a queremos. Viva a guerra! Ah! mas os nossos vivas são diferentes dos que vós pensais. Nós damos vivas á guerra, mas é áquella guerra que vai de encontro a vós, aos vossos intuitos, ás vossas ambições. Preparamo-nos para a guerra, mas é para a guerra contra a burguesia, contra os açambarcadores, contra os que nos exploram, contra o velho sofrimento humano, contra a desigualdade, contra a miséria, contra a fome, a tuberculose, a nudez. Não nos propomos a conquistar portos de mar, nem pedaços de terreno; temos como ideal esta suprema conquista: a expulsão do nosso seio de todo o parasita e tornar a terra livre, na mão de todos os habitantes, produzindo e consumindo livremente». Dá-se isso? Infelizmente não. O povo todo acode ás armas para se esfalçar. Com que direito? Com que fim? Que ideal o anima? Será porventura para a perfectibilidade humana que a conflagração se dá? Será para banir da terra o despotismo económico e politico de tantos seculos? Em nome da fome

não é, porque a fome vai desenvolver-se, depois de terminada a guerra, desoladoramente. Em nome da crise de trabalho não é, porque as fabricas e as oficinas estão a fechar-se e permanecerão assim por espaço de tempo indeterminado. Em nome da civilização também não pôde ser, porque os campos vão ficar aniquilados, incultos, talvez por muitos anos; muitas cidades, aldeias e vilas perecerão sob as ruínas do bombardeamento. Em nome do sofrimento do trabalhador não acredito, porque ele se até aqui sofria, agora muito mais vai sofrer, vai sofrer toda a casta de privações, as duras consequencias da conflagração. Ah! o direito que subsiste é o direito do roubo, o tal direito das gentes, o egoismo do soberano, a agiotagem dos bolsistas, dos industriais, dos commerciantes; o que subsiste é a civilização da morte, da dôr, do luto; o domínio do mais forte sobre os fracos, a velha aspiração de se ter todo o mundo sob o tacão da bota. O povo não vê isso. O povo cada vez está mais cego. Resta-me esta consolação. Tudo isso não é por culpa dos anarquistas. Eles são antimilitaristas, anti-patriotas, e nos seus congressos, nas suas reuniões de propaganda tem colocado sempre em primeiro logar a questão do militarismo e do patriotismo. A sua propaganda neste sentido tem sido mais ou menos intensa. E' isso tem valido aos socialistas liberais a mais acintosa guerra por parte dos adversários, inclusive da parte dos socialistas, de estado, que se propõem reformar o velho mundo. E' que os socialistas também são patriotas.

Os socialistas alemães declararam-se patriotas; e quasi toda a gente supunha que a Alemanha era um país onde o elemento avançado tinha mais ou menos valor. O que, na Alemanha o trabalhador caminha para um aperfeiçoamento tal, que causa admiração de todo o mundo! Tem no *reichstage* 111 representantes, o que leva a crêr que dentro em pouco tudo se revolucionará, desde as pequenas ás grandes funções politicas e sociais do estado. E' afinal, não ha país onde o patriotismo seja mais exaltado, onde o militarismo seja mais febricitante. O socialismo na Alemanha é patriota, pôde dizer-se mesmo que bastante militarista. Os votos socialistas, esses milhões de votos, não representam coisa nenhuma, a não ser a humildade do povo, a sua extrema legalidade conservantista e o seu nenhum valor revolucionario. E' que os mentores socialistas não procuraram educar o povo trabalhador para a revolução, preparando-o para uma evolução de progresso. O que sempre procuraram foi isto: votos, para que todo o mundo saiba que o trabalhador ali é socialista... na urna. Sómente na urna! Os socialistas sabem perfectamente que o seu país é essencialmente militarista, retrogrado em excesso. Conhecem perfectamente que as ideias do *kaiser*, que o tornam provocador aspero, são as estrelas napoleónicas de outras eras, e que os seus desejos são dominar o mundo inteiro. Apesar disso, puzeram de lado a propaganda anti-militarista e anti-patriótica. Nunca se importaram com isso e até desdenhavam dos seus correlegionarios francezes que eram menos patrióticos e militaristas. Se esses milhões de proletários transformados em eleitores apenas, tivessem uma

educação revolucionária e umas pequenas noções do que é o militarismo, a guerra, as suas consequências e as suas origens, certamente não se mostravam tão guerreiros, tão fôra da nossa época, nem forçavam os outros, pela força das circunstâncias, a serem patriotas. Sim, porque eu não admito que a França ideal seja esmagada por um país profundamente militarista e divino. E é esta a razão que justifica o entusiasmo de milhares e milhares de estrangeiros se oferecerem voluntariamente a defender a França, não a França burguesa, mas a França revolucionária, porque esmagada ela, era um cheque para os modernos ideais.

Se em vez de milhões de votos socialistas houvessem milhões de revolucionários verdadeiros, a Alemanha não era tão provocadora, não se abalanchava a implicar com toda a gente: —tinha a contar com uma greve geral seguida de uma forte agitação no interior, que a tornava inapta para a luta. E neste caso incitava os outros países a seguir-lhe as pisadas. Mas isto é uma tarefa um pouco difícil para eles. E' por esse motivo que dão vivas á guerra e se declaram os melhores soldados e os melhores patriotas.

Porque? Eu já admitia que os socialistas, e todos os revolucionários de diversas escolas, defendessem a Alemanha num caso de invasão. Ora a Alemanha não está na defensiva, está na ofensiva, confiante no seu militarismo, no seu poderio naval, no seu imperador e no seu deus. Já admito que os revolucionários defendam a França, bem como a Belgica, porque são invadidas. Vá, deixemos escapar isso. Não me acusem, por hoje, de puritano em excesso. Se a França fôsse a agressora, eu entendo que o elemento operário revolucionário tinha por dever impedir a guerra por todos os meios. Do contrário, era conveniente no crime e estavam no direito os revolucionários do país invadido de preparar a sua própria defesa. Não é verdade? eu creio que sim. Erro? paciência. Nem todos podemos ser medocres, nem todos podemos ser inteligentes.

Enfim, a conflagração estalou. O povo trabalhador não teve a força precisa para a impedir, nem sequer dificultá-la. Quase toda a Europa está em armas, sob o império do terror. As esquadras bombardeiam-se, nos ares voam aparelhos que conduzem homens para o lançamento de explosivos; os exercitos chocam-se; o solo junca-se de cadáveres. Dentro em pouco estará talvez metade da Europa em chamas e envolvida em casos terríveis de peste. Há a guerra dos grandes industriais, dos grandes capitalistas, dos grandes financeiros que impeliram os povos á luta, e a guerra dos pequenos mercieiros nos países em paz, que exploram o povo com a agiotagem e a subida combinada dos generos. Há todos os horrores que já se sentem e se vêem, fôra os que se vêm a sentir e vér.

Em nome de quem? Do militarismo. Para quê? Para a derrocada. Afirmaram não há muito que a conflagração seria a ultima guerra e que os estados ficariam arruinados. Não contosto. Tenho fé que o povo, ante a sua desgraça, ante o seu sofrimento, ante o seu próprio crime, ha-de reflectir e acabar por se revoltar. Ha-de empunhar de novo as espingardas e gritar, a plenos pulmões:

«Viva a guerra!»
Mas então será uma guerra diversa. Começará a guerra á sociedade capitalista. Começará a guerra de baixo para cima e não de cima para baixo. Começará a reparação de todos os erros e o castigo de todos os despotas. Dominará a força da consciencia e não a consciencia da força. As fronteiras demolir-se-ão e os povos, num amplexo fraternal, abraçar-se-ão, chorando de alegria. Nascerá um sociedade livre, resplendente, bela, cheia de paz e harmonia. E os apologistas da paz armada cahirão por terra, inanimados. Entrará tudo nos eixos.

E' para isso, senhores, que nós continuaremos a nossa propaganda anti-militarista, anarquista e revolucionária, com toda a intensidade possível, afrontando todos os perigos. E como o povo mais se convence mostrando-lhe factos

conhecidos d'ele, não deixaremos de lhe evidenciar os grandes lucros que a conflagração lhe traz, para abrir bem os olhos!

Clemente Vieira dos Santos

O Estado Socialista

I

O objectivo dos socialistas democráticos é «a conquista dos poderes públicos».

Não examinaremos desta vez se e até que ponto este fim está de accordo com as theorias históricas, segundo as quais a classe economicamente predominante deteria sempre e fatalmente o poder politico, e portanto a emancipação económica deveria necessariamente preceder a emancipação politica. Nem discutiremos se, admitida a possibilidade da conquista do poder politico por parte duma classe deserdada, os meios legais podem bastar para esse escopo.

Queremos agora discutir unicamente se essa conquista dos poderes públicos se harmoniza ou não com o ideal socialista duma sociedade de livres e iguais, sem supremacias nem divisões de classes.

Os socialistas democráticos, especialmente os italianos que, queiram ou não queiram, sofreram mais do que os outros a influencia das ideias anarquistas, costumam dizer ás vezes, pelo menos quando conosco polemizarm, que também querem abolir o estado, ou por outra o governo, e que precisamente para o poderem abolir, dele querem apoderar-se. Que significa isto? Se significa que pretendem, no próprio acto da conquista do Estado, anular toda e qualquer garantia legal dos «direitos adquiridos», dissolver toda a força armada official, suprimir todo e qualquer poder legislativo, deixar plena e completa autonomia a todas as localidades, a todas as associações, a todos os indivíduos, e promover a organização social de baixo para cima, mediante a livre federação dos grupos de produtores e de consumidores, então toda a questão ficaria reduzida a esta: que eles exprimem com certas palavras as mesmas ideias que nós exprimimos com outras. Dizer *queremos assaltar aquella fortaleza e destrui-la*, ou dizer *queremos apossar-nos daquela fortaleza para a demolir* é a mesmíssima coisa.

Restaria ainda entre nós e os socialistas democráticos a diferença de opinião, certamente de máxima importância, sobre se a participação nas lutas electorales e a entrada dos socialistas no parlamento favorecem ou estorvam a revolução, se preparam os homens para uma radical transformação da ordem presente, ou se educam o povo para aceitar, após a revolução, uma nova tirania; mas pelo menos no fim último estaríamos perfeitamente de accordo.

Mas a verdade é que essas declarações de que querem apoderar-se do Estado *para o destruir* ou são censuráveis artificios de polémica, ou, se sinceras, vem de anarquistas em formação, que se julgam ainda democratras.

Os verdadeiros socialistas democráticos teem uma ideia bem diversa da «conquista dos poderes públicos». No congresso de Londres, para citar uma manifestação recente e solene, disseram claramente que é necessário conquistar os poderes públicos «para legislar e administrar a nova sociedade.» E na *Critica social* lê-se que é um erro creer que o partido socialista *chegado ao poder* *poderá e quererá diminuir os impostos, e que pelo contrario, o Estado deverá, por meio dum aumento gradual de impostos, absorver gradualmente a riqueza privada para pôr em prática as grandes reformas que o socialismo se propõe (instituição de caixas para os velhos, para os inválidos, contra os infelizes; organização escolar digna de países civis; resgate dos grandes capitais, etc.)* e assim encaminhar-se para a *longinqua meta do perfeito comunismo, quando tudo se tornará um serviço público e a riqueza privada*

será uma só coisa com a riqueza da sociedade (Giuseppe Bonzo, *O partido socialista e os impostos, na Critica Sociale, 1 de maio de 1897*).

Portanto é um governo completo o que os socialistas democraticos nos prometem: um governo com toda a seqüela necessária dos seus empregados da fazenda, dos seus exatores, dos seus policias e carcereiros (para quem sentissem tentações de atirar pela janela o meirinho), com os seus juizes, com os seus administradores dos fundos para a assistência pública, com os seus programas escolares e os seus professores officiais, com a sua administração da dívida pública para pagar os juros dos capitais resgatados, etc., etc.; e naturalmente com o seu corpo legislativo que faz as leis e fixa os impostos, e os vários ministérios que executam e administram as leis.

Sobre isto pode haver diferenças de modalidade, de tendências, mais ou menos centralizadoras, de métodos mais ou menos ditatoriais ou democraticos, de processos mais ou menos rápidos ou graduais; mas no fundo todos estão de accordo, porque essa é a substância do seu programa.

Agora é necessário ver se este governo, que os socialistas desejam, oferece garantias de justiça social; se poderia e quereria abolir as classes, destruir toda a opressão do homem sobre o homem; se, numa palavra, poderia quereria fundar uma sociedade verdadeiramente socialista.

Os socialistas democraticos partem do principio de que o Estado, o governo é simplesmente o orgão politico da classe dominante. Numa sociedade capitalística, dizem eles, o Estado serve necessariamente os interesses dos capitalistas e garante-lhes o direito de explorar os trabalhadores; mas numa sociedade socialista, abolida a propriedade individual e desaparecidas, com a destruição do privilegio economico, as distincções de classe, então o Estado representaria todos e tornar-se-ia orgão imparcial dos interesses sociais de todos os membros da sociedade.

Aqui apresenta-se necessariamente uma dificuldade. Sé é verdade que o governo é necessariamente sempre o instrumento de quem possui os meios de produção, como poderá operar-se este milagre de um governo socialista surgido em pleno regime capitalista com a missão de abolir o capitalismo? Será, como queriam Marx e Blauqui, por meio duma ditadura imposta revolucionariamente, com um acto de força, que revolucionariamente decreta e impõe a confiscação das propriedades privadas em favor do Estado, como representante dos interesses colectivos? Ou será, como parece que querem todos os marxistas e grande parte dos blanquistas modernos, por meio da maioria socialista mandada ao parlamento pelo sufrágio universal?

Proceder-se-á de galope á expropriação da classe dominante por parte da classe economicamente sujeita, ou proceder-se-á gradualmente, obrigando os proprietarios e os capitalistas a deixarem-se privar pouco a pouco dos privilegios?

Tudo isto parece estranhamente em contradicção com a teoria do «materialismo histórico» que para os marxistas é o dogma fundamental. Mas nós não queremos aqui examinar estas contradicções nem ver o que possa existir de verdade na doutrina do materialismo histórico. (1897).

ENRICO MALATESTA.

Passeio de confraternização e estudo

E' hoje que se realiza, conforme tem sido anunciado, o passeio de confraternização e estudo ás minas de carvão de S. Pedro da Cova.

O ponto de reunião é na Praça das Flores, proximo ao Bomfim, ás 6 e meia horas.

Qualquer camarada estranho a este Nucleo pode tomar parte no passeio.

Em S. Pedro da Cova conta-se fazer uma sessão de propaganda.

Novas taticas de combate

Já dissemos que o desenvolvimento extraordinário da industria obriga os trabalhadores a adoptar novos métodos na luta que sustentam para melhorar as suas condições e libertarem-se das algemas do salariato.

A prática tem demonstrado a ineficácia da velha tática. E' tão fácil encontrar furadores de grèves e preencher os lugares dos que desertaram; é tão grande o capital em poder dos nossos inimigos—as grandes corporações e os trusts que as grèves parciais e os fundos de reserva dos sindicatos são pouca coisa e de nada valem.

De que serve estarem os trabalhadores dum dado officio em greve, num certo lugar, se os seus compañeros doutro lugar continuam a trabalhar para os patrões contra quem foi declarada a greve? E' difficil de comprehender porque é que os trabalhadores ainda não vieram como é ilógica tal acção.

Fundado o sindicato este deve federar-se não só com os outros do mesmo officio mas também com os de officios similares. E' por último estes federar-se-hão na federação geral nacional. Alem disso, convem estabelecer relações internacionais por meio da creação dum comité especial universal.

Este entendimento entre os trabalhadores não é coisa nova, remonta já ao começo da organização do trabalho. A velha Internacional era assim organizada: A *secção* de officio era a União Local; a federação das secções do mesmo officio e de officios similares era a União Internacional, e da Confederação das várias federações de officio resultava a Federação Nacional do Trabalho, com os seus conselhos locais, compostos de delegados das várias secções federadas num certo lugar. Para que se criaram estas secções, federações e confederações? Com que fim se entendiam estas? Porque estavam elas tão entrelaçadas? Não era para fazer uma rede de resistencia do trabalho organizado?

Sim, era precisamente por esta razão. Para unir os trabalhadores de todo o mundo sob a mesma bandeira, pensou-se em que o poder do trabalho em unisono era o unico modo de atacar o Capitalismo, e também a unica maneira de o derrubar inteiramente. Uma ofensa a um trabalhador era considerada como uma ofensa a todos. A união de trabalho não se achava só e abandonada nas suas rixas com o monstro Capitalismo que tudo devora. Em resumo a classe trabalhadora estava *amalgamada* em todo o mundo.

E, de facto, os trabalhadores ajudavam-se uns aos outros, umas vezes financeiramente, outras moralmente, e ainda outras com grèves de solidariedade e outros movimentos. Eles principiavam a apoiar-se uns nos outros nos seus conflitos com a classe dominante. Não estava o *label*—que é uma espécie de boicote largamente usada na America do Norte,—instituido de modo que cada trabalhador devia proteger os seus camaradas, qualquer que fosse o seu officio?

Porque se opõem então certos *leaders* operarios a outra solidariedade além da monetária e moral? Não é a solidariedade pessoal maior do que uma delas ou do que ambas?

Nós precisamos pelo menos sêr lógicos. Se se pretende que os trabalhadores organizados se devem sempre auxiliar em todas as coisas, por exemplo, que os electricistas associados devem recusar-se a fazer as suas instalações em edificios que não tenham sido construidos por pedreiros e carpinteiros associados, que estes últimos devem ver se aqueles que transportam os materiais de construção são também associados, e que os carreiros não devem transportar pedras telhas etc., que não tenham sido manufactueados por operários associados etc., etc.,—como é possível, sem ir de encontro aos principios que cada um tem imposto a si mesmo, que no caso em que uma destas classes se declare em greve, as restantes

não façam imediatamente a greve de solidariedade?

Porque se detem esta solidariedade pessoal quando é mais necessária?

Não é absurdo que um sindicato assista passivamente ao combate tentado por um outro seu irmão contra o monstro capitalismo? Não são uma troca as provisões enviadas aos lutadores quando eles necessitam mais de que de reforços.

Que pensariais vós dum poderoso exercito que podendo mandar facilmente em auxilio dum batalhão isolado regimentos inteiros o deixa sustentar sózinho o combate?

Por exemplo, os fogueiros dum navio declaram-se em greve, enquanto os cozinheiros, carneiros, bagageiros etc., se mantem nos seus lugares. Naturalmente, os fogueiros são substituidos prontamente por traidores á causa operária, e continuam trabalhando como se nada tivesse acontecido. Sem dúvida ganha a companhia dos navios que continua explorando a sua equipagem e dá o prémio aos grévistas.

Da que servem os auxílios pecuniários aos grévistas? Tal socorro é irritatório.

Foi o que aconteceu com a greve dos marítimos dos Grandes Lagos (America do Norte). Continuum as mesmas carreiras que existiam antes da greve. Apesar da Internacional e dos *leaders* de Westmay não o declararam a greve foi totalmente perdida.

Por outro lado, pensais que a greve teria durado 3 semanas se os grévistas tivessem sido seguidos não só pelas equipagens dos outros navios, mas também pelos trabalhadores que se empregam na carga e descarga das mercadorias, desde o que as despacha no armazém ao que as entrega ao consignatário? Não é difficil encontrar homens que tomam os lugares abandonados pelos grévistas quando estes são poucos e somente a parte mínima dum todo. E' muito fácil substituir uma parte simples das muitas que são indispensáveis a cada operação. Mas é quase impossível substituir prontamente todas as partes necessárias. E se se achassem suficientes fura-grevas (*scabs*), o conflito renovar-se-ia e a greve estender-se-ia a outros officios, apesar destas não estarem directamente ligados ao officio em greve.

Talvez nos digam que isto é impossível. Que é extravagante supôr que poderemos fazer com que se declarem em greve trabalhadores que não tenham motivos para isso, e que não possam préver benefícios immediatos para si, ainda que a greve saia vitoriosa. Pode-se dizer que tal ideia só pôde brotar dum cérebro esquentado, que faria melhor em occuparse a escrever contos da carochinha do que ensaios doutrinaários.

Nunca os trabalhadores deixaram de declarar a greve de simpatia quando foi preciso, algumas vezes mesmo em opposição com os seus *leaders*.

E' tão logica e natural tal conduta, que logo que se declara ou sadamente uma greve, vem-nos imediatamente a ideia de se fazer a greve geral. A opposição não existe entre os trabalhadores, mas entre os chefes que se preocupam mais com a sua própria posição do que com aqueles que representam.

Contudo apesar de todas as opposições, estes movimentos simpáticos teem sido sustentados. Há anos em Barcelona uma greve geral ganhou em 8 dias para os metalúrgicos uma greve que durava já ha muitos meses e que era dada como perdida. Depois disso já foi declarada por toda a Espanha uma greve geral de simpatia pelos mineiros de Bilbao. Seis ou 8 das maiores cidades fizeram causa comum com os grévistas, não obstante o facto de o governo ter recorrido a toda a espécie de restrições arbitrárias, suspendendo as garantias constitucionais em toda a nação e proclamando o leito militar em várias cidades.

Além de serem mais eficazes, estes novos métodos de luta teem a vantagem de não serem acompa-